

Método científico e conversa de botequim

Claudio de Moura Castro

estadaodigital#joao@alfaebeto.org.br

Pesquisadores de primeira linha concordam, o método científico é uma das maiores conquistas da humanidade, considerando os benefícios trazidos pela ciência. E defendemos, aqui, a tese de que oferece também uma orientação preciosa para lidar com assuntos do nosso cotidiano, até nas conversas sérias de botequim, sendo mesmo uma vacina anti-*fake news*. Contudo, nesse uso as regras são diferentes.

Talvez o impacto mais poderoso do método seja a cumulatividade que adquire a ciência que por ele se pauta. Ou seja, se pesquisa hoje uma tese nova, não tenho de refazer todo o conhecimento que a precedeu. Tomo as pesquisas sérias como sendo a melhor aproximação da verdade. Cada cientista põe o seu tijolinho nessa construção – alguns gênios põem um tijolo.

Os resultados dos meus antecessores merecem confiança, sempre que se cumpriram as fastidiosas exigências do método científico. Se há amstras, sua seleção foi judiciosa. Os dados merecem confiança e foram tratados corretamen-

te. E por aí vai. No fundo, permitem a qualquer um repetir os procedimentos usados. E, se isso for feito, os resultados seriam os mesmos, pois a natureza pode ser fúgida, mas não é desonesta.

Aleluia! Cumprida essa liturgia metodológica, alguma coisa quase mágica acontece com a pesquisa. Se meus leitores não conseguem encontrar falhas, omissões ou enganos nos meus procedimentos, o método científico os proibe de discordar dos meus resultados. Checam-se os processos. Não se encontraram falhas? Então, os resultados têm de ser engolidos, mesmo a contragosto.

Na prática, os dados podem ser imperfeitos, simplificados demais os procedimentos ou deixamos de incluir fatores potencialmente relevantes. Daí aparecerem resultados conflitantes ou contraditórios. Cada cientista furiosamente defende as suas teses e o campo parece caótico. É assim mesmo.

Para alguns defensores da ivermectina, é preciso tomá-la logo que aparecem sintomas. Mas, nessas horas iniciais, é impossível gerar um grupo de

Ante um problema, se não temos condições de avaliar o que a ciência diz, temos de escolher cuidadosamente quem o faça para nós

controle aleatório para receber o placebo. Sendo assim, é difícil conduzir pesquisas “padrão ouro” testando a eficácia desse uso. As que têm placebo são de pacientes já hospitalizados. Permanecemos num limbo inconclusivo.

Porém, com a acumulação de estudos, começam a emergir os consensos em quase to-

dos os campos. Assim caminha a ciência.

Se o método científico revelou-se tão potente, deve ser também útil para os assuntos controversos que lemos nos jornais. De fato, mas há uma grande diferença.

A ciência de hoje se tornou muito especializada. Tenho um doutorado em Economia. Mas apenas entendo uns poucos *papers* da mais recente *American Economic Review*. Portanto, não podemos esperar do público que consulte fontes incompreensíveis até para cientistas da mesma área. O caminho é outro.

Para o método científico clássico, não interessam o autor, suas crenças, onde publicou e tudo o mais. A proposição científica não se apoia em reputações. O Nobel de Linus Pauling não o protegeu de seu engano quanto à vitamina C. E um médico de roça demonstrou que antibiótico cura úlcera, ao arripio das primadonas da época. Porém, se dentro das subáreas da nossa profissão já não entendemos tanto, a receita não serve para um leigo no assunto, como somos todos, agora em alguns poucos campos do conhecimento.

No nosso cotidiano, temos de formar opinião sobre múltiplos assuntos. Alguns são sobre valores ou ideologia, no que a ciência nada tem a dizer. Há os que não justificam gastar tempo. Em outros, não alcança nosso conhecimento técnico. E não queremos ser enganados por *fake news*. Nesses últimos dois casos, a ciência ajuda, mas o jeito de chegar a ela é diferente.

Se nos falta fôlego ou conhecimento para avaliar as abundantes pesquisas, temos de escolher criteriosamente os cientistas que vão fazer isso para nós. Qual a sua formação? Como é visto nos meios científicos? Publicou em periódicos de sólida reputação? Anda na contramão de outros cientistas respeitados que lidam com o mesmo tema? Que bibliografia citam? Prêmio Nobel de Literatura falando de DNA recombinante não merece credibilidade. E por aí fora. Claro, ouvir leigos é erro primário.

Anthony Fauci merece menos créditos pela sua posição no governo americano do que por ser o 12.º americano mais citado em publicações científicas afins. É óbvio, ele pode errar e já errou. Mas temos de fazer nossas apostas. Em contraste, nosso Congresso longamente ouviu um “consagrado perito” em questões de meio ambiente. Porém, ao examinar seu currículo, revelou-se que suas pouquíssimas publicações em revistas científicas sérias eram sobre outro assunto.

É isto, diante de um problema, se não temos condições de avaliar o que diz a ciência, temos de escolher cuidadosamente quem o faça para nós. Ou seja, avaliamos a credibilidade das pessoas, e não dos estudos. Um bom começo é consultar os jornais e revistas mais respeitados por sua cobertura científica. E, quando cientistas respeitados discordam, o melhor que podemos fazer é suspender julgamento. É estultice pontificar. ●

M.A., PH.D., É PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO

FÓRUM DOS LEITORES

O Estado reserva-se o direito de selecionar e resumir as cartas. Correspondência sem identificação (nome, RG, endereço e telefone) será desconsiderada. E-mail: forum@estadao.com

Varíola dos macacos

O mundo assustado

Enquanto ainda não nos livramos da pandemia de covid-19, vemos agora o mundo assustado – e com razão – com a rápida disseminação da varíola dos macacos. Na quinta-feira, os Estados Unidos declararam emergência de saúde pública por causa da doença, e em São Paulo o secretário estadual de Ciência, Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde, David Uip, anunciou que está criando uma rede de 93 hospitais e maternidades que serão referência para atender pacientes infectados pela varíola dos macacos. Hoje, entre os 1.298 pacientes infectados no Estado, há também grávidas e crianças. O infectologista David Uip alerta: “Pode acontecer com todos”. Cabe, ainda, mencionar a recomendação vinda da Organização Mundial da Saúde (OMS) para que gays e bissexuais reduzam o número de parceiros sexuais a fim de conter a infecção pela doença. No

dia 23 de julho, a OMS já havia declarado “emergência global” por causa da varíola dos macacos.

Paulo Panossian

paulopanossian@hotmail.com
São Carlos

Eleições 2022

Plano de governo

Cumprimento o grupo de notáveis – formado pelos economistas Bernard Appy, Pêrsio Arida, Francisco Gaetani e Marcelo Medeiros, pelo advogado Carlos Ari Sundfeld e pelo cientista político Sérgio Fausto – pela proposta de plano de governo (Estado, 5/8, B1 a B3), mas senti falta da proposta de ter um aumento nos impostos de importação. O aumento desses impostos traz, no primeiro momento, maior inflação, mas possibilita no longo prazo maior desenvolvimento da indústria e mais emprego. Precisamos de um plano de governo que promova o desenvolvimento de longo prazo, e não de cortar impostos de importação, como este governo está fa-

zendo, para reduzir a inflação e prejudicar a indústria nacional no longo prazo.

Martinho Isnard R. de Almeida

martinho@usp.br
São Paulo

Romper a bolha

Pelo que li em *Notáveis propõem plano de governo* (Estado, 5/8, B1), infelizmente, temos apenas um rol de sugestões tímidas, muitas delas de natureza fiscalista, que tratam o Brasil como uma bolha separada do resto do mundo, como se fosse um mero experimento acadêmico. O que o novo governo deve fazer para recuperar a competitividade industrial? Como adaptar o País para a nova economia de serviços? Como gerar mais riqueza, emprego e renda no curto, médio e longo prazos? Como reverter a situação atual em que Brasília está, na prática, insulada do que ocorre com os cidadãos e cidadãs comuns? Como reduzir os cargos de longo provimento e as benesses do poder? Se não há respostas claras para essas per-

guntas essenciais, qual é a vantagem de nos debruçarmos sobre este tipo de plano? Para pensar. Tristes trópicos.

Fernando T. H. F. Machado

fthfmachado@hotmail.com
São Paulo

Depois de dezembro

O governo Bolsonaro vai liberar empréstimo consignado para pessoas que recebem Auxílio Brasil. Como o auxílio será pago só até dezembro de 2022, depois disso qual será a receita que o governo terá para ajudar quem pegou empréstimo a quitar sua dívida?

Virgílio Methado Passoni

mmpassoni@gmail.com
Jandaia do Sul (PR)

De pesadelo a pesadelo

Análise correta a do jornalista Fernando Gabeira em *Uma carta e algumas notas pela democracia* (5/8, A6). No último parágrafo, quando ele se refere a um grande esforço social no debate de uma agenda para o País, vinculando essa agenda aos inúmeros

passos para “acordarmos do pesadelo bolsonarista”, só ficou faltando deixar claro que, ao sairmos de um pesadelo, não podemos cair em outro, representado pela volta de Lula ao poder.

Carlos Ayrton Biasetto

carlos.biasetto@gmail.com
São Paulo

Democracia prevalecerá

Aplausos ao *Estado* pelo editorial *Quando é necessário dizer o óbvio* (5/8, A3). Seja quem for o eleito em outubro, por mais que dele se desgoste ou que quanto a suas ações e intenções haja dúvidas e críticas, o respeito às urnas é imperioso. No entanto, golpistas e autocratas não se fiam pela lógica, muito menos pela lei, para se manterem no poder. As cartas e manifestações em apoio à democracia refletem uma parcela significativa da população esclarecida, mas estão longe de conter os armados e desalmados deste país.

Adilson Roberto Gonçalves

prodromoarg@gmail.com
Campinas

